

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

ALEXANDRE AUGUSTO LAMBERTI GERALDES

ENTRE SONS, TEXTURAS E ENTERRADAS

SÃO PAULO

2016

ALEXANDRE AUGUSTO LAMBERTI GERALDES

Entre Sons, Texturas e Enterradas

Trabalho de Conclusão de curso apresentado à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção da Licenciatura em Educação Física.

Área de concentração: Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Garcia Neira

Coorientadores: Professores Felipe Nunes Quaresma e Marcos Ribeiro das Neves

SÃO PAULO

2016

## RESUMO

GERALDES, A. A. L. **Entre Sons, Texturas e Enterradas**. 2016. 23 F. Trabalho de Conclusão de Curso - Escola de Educação Física e Esporte - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Esse ensaio gravita em torno da formação inspirada em vivências e experiências durante o basquete e outras manifestações corporais, denunciando as dificuldades da escola moderna em valorizá-las. Escrevendo em meio à tempestade e procurando dialogar com Friedrich Nietzsche, para quem a vivência e sua imediatez com a vida, sua significabilidade e estética incomensurável do “sentir na pele” e estar ainda presente na vida quando algo acontece; e com Jorge Larrosa, para quem a experiência é “isso que me passa”, que forma e transforma sujeitos. Entre sons, texturas e enterradas, voltamo-nos para a “não razão” em que padecemos nesta travessia da vida pela lógica *pathetico*-passional, para trazer à tona aquilo que é negligenciado pela lógica imperativa racional na prática escolar e na Educação Física. Mostramos que experiência e vivência são formativas de uma forma subjetiva que inspiram e subjetivam cada um ao seu modo, pois não são de mais ninguém, mesmo que construídas coletivamente. É a singularidade da sua apropriação que nos leva ao padecimento desses momentos por si mesmos formativos e, portanto, educativos.

Palavras-chave: Basquete. Escola. Vivência. Experiência. Formação.

## Sumário

1º Quarto:

*Vamô, timê! Força!* .....1

2º Quarto:

*As 'cornetadas' já rolam soltas no banco...* .....4

3º Quarto:

*Caramba, que bloqueio pesado! Aí vem ela! Nem a pau, ela é minha! Isso, voe de novo. Há há! Agora você é minha!* .....9

4º Quarto:

*Deeez!* .....16

Referências .....19

## 1º Quarto:

### ***Vamô, timê! Força!***

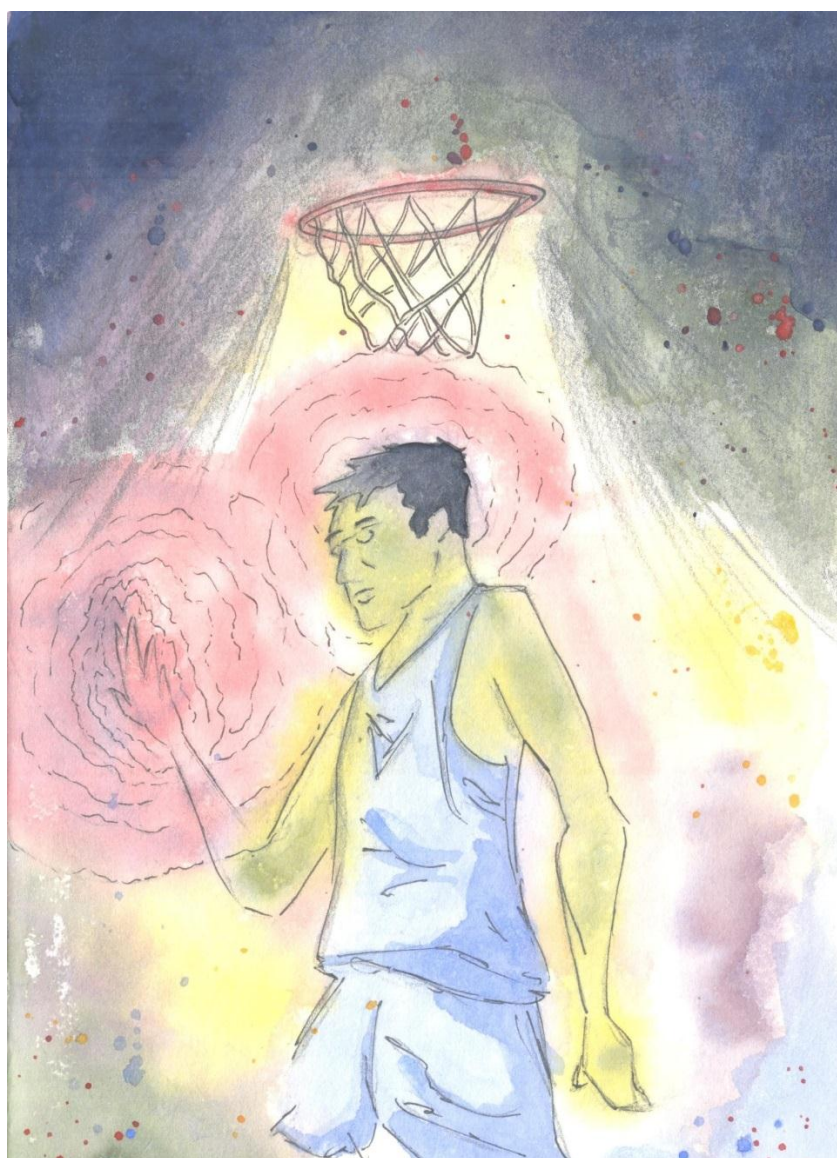
Cá estou em quadra. Na procura por temas que me interessassem para realização de um Trabalho de Conclusão de Curso, me senti desnordeado. Durante os anos de formação no curso de licenciatura não fui tocado por nenhuma problemática ou linha de pesquisa para além da abrangente Educação Física escolar. Não me deparei com problemáticas que me prendessem. Após algumas reflexões percebi que eu deveria fazer algo que fosse meu, que estivesse profundamente ligado à minha experiência de vida.

Busquei sugestões de temas junto a alguns professores até que um deles me sugeriu abordar o basquete. Afinal, tenho uma longa e marcante história com a modalidade. Mas o que dizer a respeito disso com que eu tanto brinquei? Mais uma vez, o professor instigou-me a pensar em problemáticas que pudesse desenvolver, até que me decidi sobre a relação entre a vivência/experiência do jogar e a formação de quem me tornei e venho sendo.

Uma vez que o envolvimento com esse jogar/brincar vem me transformando e está tão profundamente enraizado no meu eu, influenciou decisivamente minha forma de ser e segue constituindo-me enquanto sujeito, concluí que é momento de prestar-lhe um tributo. Encontrei, portanto, uma razão para ensaiar. O ensaio parece-me a forma mais adequada de abordar os contributos das vivências/experiências para a formação. Não caberiam nos moldes do positivismo nem tampouco no esquadro da crítica. Afinal, como se verá, sensações são formalmente intraduzíveis em palavras.

Os sons dela quicando ou de um tênis guinchando na quadra aumentam as palpitações do meu coração. Sinto-me atraído e vou ao encontro deles, mesmo que seja apenas para assistir. Olho para ela com um brilho nos olhos. Sua textura, mesmo que áspera, é-me agradável e prazeroso tocá-la. Gosto de acariciá-la, aprecio sua superfície repleta de reentrâncias. Quando ela cai de chuá, o tchoft é de

extasiar, uma satisfação indescritível. O baque seco de um arremesso distante que toca o fundo do aro desencadeia uma sensação semelhante, mas nada se compara à enterrada. É algo até difícil de explicar, é um momento que bagunça o lógico e ecoa no corpo, o arrepio tarda a dissipar-se. Deva-se, talvez, à mudança sincronizada da perda de contato com ela para a dureza do ferro que cede mas faz os dedos latejarem. Saindo da mão, a sensação se espalha, fazendo o corpo vibrar. No “tapinha” ou “ponte aérea” o tempo para conforme ela se aproxima, quando pousa entre as mãos, tudo para, prendo a respiração e me preparo para o arremesso. Quando a solto, o tempo que foi parado acelera de uma vez para compensar o que ficou para trás e voa livre sua trajetória caprichosa.



Pensando nisso, nessa formação que é 'tão minha', me perguntei: outras pessoas não poderiam ter essas formações 'tão suas'? Assumo que sim e que não é o basquete a única manifestação cultural que pode proporcioná-las. Tantas outras práticas corporais se configuram como experiências e vivências repletas de importância para a vida da maioria das pessoas. E a escola, com a sisudez e frieza herdadas dos métodos científicos e do progressivismo passa ao largo dessas situações, quando não as proíbe por considerá-las impróprias ou sem valor.

A escola parece estar no imperativo de uma formação racionalizada, pouco afeita à formação subjetiva. Vivências e experiências acumuladas pelas práticas corporais são desprezadas. Pouco se pensa para além daquilo que foi racionalmente estipulado, tendendo a desvalorizar o que se sente. Mesmo porque, o currículo está envolto por uma intencionalidade que conduz ao alcance de objetivos mensuráveis e não para aquilo que foi formado subjetivamente. Afinal, quando estamos na escola, o que lá se propõe foi sistematizado, cientificizado. O currículo é teleologicamente pensado muito antes das aulas acontecerem, fazendo com o que foi sentido/vivido pelos sujeitos seja solenemente negligenciado.

Parece-me que só há interesse no que é construído/formado por meio daquilo que se estabeleceu como conhecimento verdadeiro, ou melhor, do que foi racionalizado através do método científico, mas isso não deve ser preceito para ignorar o experimentar/viver/sentir. Penso que é importante resistir a esse imperativo racional que a modernidade e o iluminismo propuseram como modelo escolar. Porque a vida nos fornece pequenas brasas e fagulhas momentâneas que remetem a própria vida, que são finitas por si só, mas que trazem beleza no viver.

Então, pensando nas aulas de Educação Física, como as experiências e vivências advindas dessas manifestações culturais podem ser formativas?

## 2º Quarto:

### ***As ‘cornetadas’ já rolam soltas no banco...***

Afinal, o que chamamos de vivência e experiência?

A filosofia nietzschiana, segundo Viesenteiner (2013), explica que o termo ‘vivência’ tem sua primeira utilização em alemão como *Erlebnis*, no século XIX. Essa palavra origina-se do verbo *erleben*, sendo então o substantivo *Erlebnis* cujo significado é “estar ainda presente na vida quando algo acontece”.

No uso geral de *Erlebnis* há três características. Primeiramente, a vivência tem caráter de ligação imediata com vida, não se pode assimilar vivência com um legado ou tradição, nem mesmo vivenciar algo por “ouvir falar”, ela é sempre vivenciada por alguém.

Em segundo, o que foi vivenciado tem intensidade, o que resulta numa importância para aquele que vivencia algo, transformando o contexto geral de sua existência, ou seja, para além do caráter imediatista, remete duração à vivência, pois atribui valor e recebe importância na vida do sujeito, portanto, ‘significabilidade’.

E terceiro, a vivência também se refere ao conteúdo que se vivencia. Havendo uma impossibilidade de determinar racionalmente o conteúdo da vivência, atribuindo papel estético e de incomensurabilidade. Viesenteiner (2013) explica: “O anseio por uma relação imediata entre o homem e o mundo, cuja linguagem fosse capaz de exprimir a abundância de sentimento dessa *Erlebnis* não permite o uso de meios racionais que expliquem tal conteúdo (p.143)

O conteúdo da vivência não pode construído racionalmente, tem de ser unicamente vivenciado, “sentido da pele”. A dimensão estética de *Erlebnis* está em sintonia com a ‘imediatez’ e ‘significabilidade’. O “sentir na pele” remete à presença imediata do sujeito que vivencia algo, tendo então um caráter unicamente individual de toda a vivência, representando, por isso, a significabilidade para aquele que vivencia (VIESENTEINER, 2013). Portanto, “toda vivência é sempre ‘minha’ vivência exclusivamente individual” (p.144).



A vivência tem seu valor estético devido à relevância para aquele que a viveu. Aquele que vivencia algo tem dentro de si todos os elementos que ele mesmo produziu e com eles forma uma gama de valores esteticamente pessoais. Por isso, o estético, aquilo que caracterizamos como bom, bem, belo, mau, feio, etc. é algo que se refere unicamente ao sujeito. Tome-se como exemplo uma ação corporal. É algo único e pessoal, os sentimentos, sensações que alguém presencia com a própria vivência só acontecem com esta pessoa. Seu corpo é a singularidade das sensações e, por isso, só pertencem a esse sujeito. Mesmo que com um outro, feito uma dança, jogando, brincando, etc. em que haja contato com alguém, a vivência é única, apesar de ser construída coletivamente. Única, pois por mais que os gestos se repitam, são vivenciados e revivenciados a cada tentativa, podem até ser semelhantes, mas cada qual será novo. Os sujeitos que se tocam, interagem, vivem aquilo de forma singular.

O valor estético assegura o caráter incomensurável da vivência. O corpo sente através da propriocepção, cinestesia e tato. São alguns dos canais de sensações que funcionam como vias de conhecimento que não pode se comunicar de forma escrita, falada ou sistematizada, não é algo para ser verbalizado. Pode-se dizer que o corpo, ao vivenciar, cria um conhecimento não declarado, de difícil manifestação, pois é sentido e ‘falado’ por outras vias. O que reforça a ideia de que o que foi “sentido na pele” não é construído de maneira racionalizada, está intimamente ligado à pessoa e a subjetividade do que sofreu em si e como atribuiu importância às sensações. Daí ser impossível determinar racionalmente o conteúdo da vivência, o que leva Viesenteiner (2013) a afirmar que ela deva ser sempre pensada do ponto de vista estético.

Vivência implica num diálogo com o conceito de *pathos*, que é o contraconceito da razão. Não se trata da oposição à vivência, pois ela é o próprio *pathos*, o padecimento da travessia através de uma vivência (VIESENTEINER, 2013). Como a vivência se caracteriza pela imediatez do estético, do incomensurável, torna-se um contraconceito de razão. Não há uma mediação lógica ou instrumentalização racionalizada do que se vivencia. *Pathos* é a forma de padecimento em oposição à ação, pois ação pressupõe uma mediação racionalizada reflexiva ou intencional. Enquanto *pathos*, a vivência está imediatamente ligada à vida, enraizada no que sentimos:

Daí o porquê de *Erlebnis* e *pathos* estarem estreitamente vinculados: nunca estamos conceitualmente conscientes daquilo que nos acontece, quando estamos imediatamente na vida, ou seja, nunca somos conscientes do *pathos* da vivência quando ela ocorre, na medida em que se trata de um sentimento de simples padecimento (p.146)

Assim não temos um acesso conceitual à vida através das vivências, isto é, como contraconceito da razão, a vivência é uma noção que não deve ser trazida à sistematização conceitual [...] Enfim, *Erlebnis* é o instante imediato, significativo e estético de uma vida e, portanto, simplesmente *pathos* (p.147)

Dessa forma, o conceito de vivência, *Erlebnis* se constitui com essas bases em algo “radicalmente estética-individual-imediata cujo conteúdo permanece sempre *pathetico* e não racional” (VIESENTEINER, 2013, p.151). Essa assimilação da palavra *pathetico*, como aquilo que vem de *pathos* é uma boa associação de como a modernidade e, assumo também, a escola, lidam com aquilo que é “não razão”, ou seja, aquilo que é patético, sem valor ou, quem sabe, sem significância, talvez tendendo a uma conotação ao ridículo. Porque o que não tem bases racionais não interessa, portanto é patético, um desperdício. Mas não deixa de ser intrínseco às nossas vidas e está sempre presente enquanto ainda nos acontece. A vivência, que é patética, nada mais é do que uma pequena brasa, uma fagulha, mas que esquentava a vida.

Aqui do banco, me divirto às custas dos erros dos outros, as trapalhadas, momentos bizarros. O mesmo acontece durante as brincadeiras e algazarras que têm lugar no ônibus a caminho do jogo. É essa pateticidade, ou melhor, esses momentos *patheticos* que fazem do basquete (ou de outras práticas corporais) instantes únicos em que padecemos.



A vivência nos ocorre de maneira longa, contínua e profunda. Ela pode nos alterar com o seu profundo acontecer de forma duradoura e nesse processo do vivenciar não se basta, nem mesmo o querer vivenciar, “é preciso que cada vivência altere durante um longo período e de modo significativo a vida” (VIESENTEINER, 2013, p.149). É algo que perdura na vida do sujeito e que modifica e desdobra sua vida.

A noção de significabilidade da vivência confere a ela o status de algo exclusivamente individual, de modo que cada vivência é estritamente pessoal e sentida diferentemente por cada um. Cada vivência constrói a roupagem própria de cada pessoa, absolutamente única e individual: ‘cada ação continua a criar a nós mesmos, ela tece nossa colorida roupagem. Cada ação é livre, mas a roupagem é necessária. Nossa vivência – eis aí nossa roupagem’ (p.150)

Essa roupagem é literal, de acordo com as vivências que temos, usamos vestimentas que condizem com nossa personalidade e com o momento de nossas vidas. É uma ‘segunda pele’ que nos representa esteticamente e diz muito de nós. Essa roupagem, para além das vestimentas em si, também reflete a nossa forma de andar e agir, criamos comportamentos corporais e trejeitos com o que vivemos. O conjunto vivenciado nos compõem e, ao longo da vida, essas vivências são combinadas e significadas no nosso ser, elas se mesclam, costuram-se, formando uma colcha de retalhos e ‘cobrem’ nossas diversas partes, tornando-nos únicos e exclusivamente singulares. Formados pela imediatez, formamos nossas “coloridas

roupagens” a partir de nossas contínuas vivências, que nem sempre contemplam todas as facetas de nossas vidas, por isso se combinam durante nossa trajetória, complementando-se e formando uma roupagem distinta. As vivências vão cobrindo partes de nosso ser e se tornando parte nós, ao longo da vida elas vão nos constituindo. Padecemos continuamente nesta travessia da vida e estamos imediatamente presentes nela, por isso, a vivência cria sentidos e valores estéticos. O que vivenciamos e o que “vestimos”, são originários “do acaso”, pois não sabemos como, quanto ou quando elas surgirão, por isso são imprevisíveis. A famosa frase “é uma caixinha de surpresas”, empregada em tantos momentos se torna dialógica com o viver, pois se estamos vivendo, vivenciando, estamos num devir da própria vida.

Nossas vivências fazem com que sejamos formados ou reformados em nossa constituição, fazem-nos metamorfosear ao longo da vida. Reforçando essa força *pathetica* que é estético-imediate da vivência.

### 3º Quarto:

***Caramba, que bloqueio pesado! Aí vem ela! Nem a pau, ela é minha!  
Isso, voe de novo. Há há! Agora você é minha!***

Até agora, detive-me na forma como a filosofia nietzschiana concebe a vivência, mas, tomado como acontecimento formativo, o basquete proporciona também a experiência. As palavras se misturam como sinônimos, no entanto, é bastante comum vermos a experiência atrelada ao experimento, decorrente de uma construção histórica moderna. Nesse sentido, a experiência acaba por se tornar o produto da mediação lógica. Mas não é sobre ela que falarei, mas sim daquela que caminha conjuntamente à vivência.

Para Larrosa (2011), a experiência é repleta de possibilidades no campo educativo e, muitas vezes, é banalizada em suas oportunidades teóricas, críticas e práticas. A experiência é “isso que me passa”, logo, é diferente de nosso ser, algo externo a nós e de tudo aquilo que foi projetado, desejado ou realizado por nós. É diferente de mim, “que não sou eu”, é “outra coisa que eu”. Por isso, experiência apresenta, segundo o autor, um princípio de alteridade ou de exterioridade.

A experiência não é possível sem que haja algo exterior, o que vem fora de mim, o ‘não eu’. Não pode ser eu, não é outro de mim, mas algo outro que eu.

Se lhe chamo ‘princípio de exterioridade’ é porque essa exterioridade está contida no *ex* da própria palavra *ex*/periência. Esse *ex* que é o mesmo de *ex*/terior, de *ex*/trangeiro, de *ex*/tranheza, de *êx*/tase, de *ex*/ílio. Não há experiência, portanto, sem a aparição de alguém, ou de algo, ou de um isso, de um acontecimento em definitivo, que é exterior a mim, estrangeiro a mim, estranho a mim, que está fora de mim mesmo, que não pertence ao meu lugar, que não está no lugar que eu lhe dou, que está fora de lugar. (p. 5-6)

Há também o princípio de alienação, no qual experiência tem que ser algo alheio a mim, portanto, surge fora de mim, se formula pelas outras coisas que não sou eu, nem objeto de meus desejos.

[...] isso que me passa tem que ser alheio a mim, quer dizer, que não pode ser meu, que não pode ser de minha propriedade, que não pode estar previamente capturado ou previamente apropriado nem em minhas palavras, nem por minhas ideias, nem por meus sentimentos, nem por meu saber, nem por meu poder, nem por minha vontade, etc. (p. 6)

Dessa experiência, em “isso que me passa”, tem um lugar em que ela ocorre e está em mim, o seu lugar é em mim, o local no qual esse acontecimento ocorre, passa, tem lugar em mim, ocorre no sujeito, por isso essa experiência é única e subjetiva a aquele que sofre a experiência. O que não sou eu, o que não é meu tem lugar em mim, mesmo que oriundo de um exterior que é ‘não eu’. Por sermos o local de onde “isso que me passa”, sofremos um movimento de ida e volta (LARROSA, 2011).

Tudo aquilo que experimento me faz sair de mim, me exteriorizar, transcendendo para fora de mim, vou ao encontro daquilo que me é externo. No entanto, ao sair de mim, ao ir, devo também retornar, voltar. Quando volto, fui alterado, afetado por esse sair de mim, produzindo efeitos no meu ser e minhas virtudes, desejos e sentimentos. Não sou mais o mesmo que era antes da experiência. Por isso, sou transformado (ou formado, ou deformado), remodelado por esse movimento de sair de mim e voltar. Larrosa (2011) frisa que:

[...] porque a experiência supõe que o acontecimento afeta a mim, que produz efeitos em mim, no que eu sou, no que eu penso, no que eu sinto, no que eu sei, no que eu quero, etc. Poderíamos dizer que o sujeito da experiência se exterioriza em relação ao acontecimento, que se altera, que se aliena. (p. 7)

Como o sujeito é o lugar da experiência, onde ela ocorre, esta sempre será subjetiva. E por isso, somente o sujeito é quem teve essa experiência, não ocorreu em ninguém mais do que somente nele, assim como ocorre na vivência. Desta forma, aquele que experiencia algo, se expõe a algo único e exclusivo a sua experiência e de ninguém mais, veja:

Por outro lado, o ‘princípio da subjetividade’ supõe também que não há experiência em geral, que não há experiência de ninguém, que a experiência é sempre experiência de alguém ou, dito de outro modo, que a experiência é, para cada um, a sua, que cada um faz ou padece sua própria experiência, e isso de um modo único, singular, particular, próprio. (p. 7)

Aquele que padece na sua experiência é, segundo o autor, um sujeito capaz de deixar que algo o perpassasse, ou seja, algo que lhe passa as suas palavras, ideais, sentimentos e representações. Logo, trata-se de alguém aberto, sensível, vulnerável e exposto. Sendo tocado, passado e transpassado pela experiência, por isso, esse sujeito é alguém que é formado (ou transformado, ou reformado, ou deformado) por aquilo que nos passa. Por isso, “De fato, na experiência, o sujeito faz a experiência

de algo, mas, sobretudo, faz a experiência de sua própria transformação. Daí que a experiência me forma e me transforma” (p. 7).

Essa experiência, além de ser algo externo a nós no “isso que me passa”, também envolve um processo de exposição, de correr risco, perigo. Processo, como já dito, de ida e volta, de saída e retorno, estamos nos abrindo (indo de encontro ao que é exterior) e retomada (volta a si agora que transpassado pela experiência). Mas onde está esse perigo? O processo envolve num risco, pois ao expor-nos estamos sujeitos a ser marcados, significados, ensinados, ou (talvez) ressignificados. Estamos nos aventurando num “não eu” que pode nos mudar, é um trajeto impreciso, imprevisível e que não pode ser antevisto. Não sabemos o que está nesse exterior, nem como este nos perpassará. Quando voltamos ao nosso ‘eu’, serei quem, ou o que serei, o que farei, o que desejarei? Isso é incerto e unicamente subjetivo a aquele que teve a experiência. Para Larrosa (2011), trajeto e perigo estão implicados na própria palavra experiência:

Se a palavra experiência tem o *ex* de exterior, tem também esse *per* que é um radical indo-europeu para palavras que têm que ver com travessia, com passagem, com caminho, com viagem. A experiência supõe, portanto, uma saída de si para outra coisa, um passo para outra coisa, para esse *ex* de que falamos antes, para esse *isso* de ‘isso que me passa’. Mas, ao mesmo tempo, a experiência supõe também que algo passa desde o acontecimento para mim, que algo me vem ou me advém. Esse passo, além disso, é uma aventura e, portanto, tem algo de incerto, supõe um risco, um perigo. De fato, o verbo ‘experiência’ ou ‘experimental’, o que seria ‘fazer uma experiência de algo’ ou ‘padecer uma experiência com algo’, se diz, em latim, *ex/periri*. E desse *periri* vem, em castelhano, a palavra ‘perigo’. Esse seria o primeiro sentido desse passar. (p. 7-8)

Somos como um tecido e nele ocorre a experiência, que seria como um líquido desconhecido. O que ela deixará marcado (ou manchado) em nós (tecidos), não é sabido, pode ser que teremos manchas roxas, ou quem sabe sejam manchas tristes, ou como no basquete em mim: manchas agitadas de texturas, sons, sensações, etc. A experiência deixa vestígios e rastros tão unicamente singulares do que foi essa ‘minha experiência’ que só ocorreu em mim. Pois somos sujeitos sensíveis e expostos, que “não seja, em princípio, um sujeito ativo, um agente de sua própria experiência, mas um sujeito paciente, passional. Ou, dito de outra maneira, a experiência não se faz, mas se padece” (LARROSA, 2011, p. 8).

Partirei da experiência da leitura que Larrosa usa como exemplo para trazer o que seria a experiência do basquete ou nas demais manifestações corporais:

Dado que a experiência é uma relação, o importante não é o texto, senão a relação com o texto. Ainda que um livro se ajustasse muito bem ao que já sabemos (ler), ao que já podemos (ler) ao que já queremos (ler), seria um livro inútil desde este ponto de vista. Seria um livro demasiado compreensível, demasiado legível. O texto, que aqui funciona como acontecimento, como o *isso* do “isso que me passa”, tem que ter alguma dimensão de exterioridade, de alteridade, de alienação. O texto tem que ter algo de incompreensível para mim, algo de ilegível. De todo modo, o decisivo, desde o ponto de vista da experiência, não é qual é o livro, mas o que nos passa com sua leitura. [...] Um leitor que, após ler o livro, se olha no espelho e não nota nada, não lhe passa nada, é um leitor que não fez nenhuma experiência. (LARROSA, 2011, p. 9)

Praticar alguma coisa, feito o basquete, é uma aposta. É um projetar-se, se lançar à frente, mas não é algo esperado, desejado, você se projeta na imprevisibilidade. É apostar, por em jogo a si mesmo num *all-in*, o que terá em resposta de sua volta para si é algo transformado, mudado. Ser surpreendido pelas relações que teve com o praticar basquete (ou outra coisa), a experiência envolve num jogar, brincar com a própria subjetividade de um alguém que está praticando. Por mais que eu entenda o basquete (ou outras manifestações), seus costumes, regras, o mais importante é a relação que foi criada com essas manifestações. Se não sentimos e formamos, quiçá, transformamos, com o basquete ou outras práticas corporais, não houve experiência, somente algo sem trajeto de ida ao externo e retorno marcado.

Durante a leitura, diz Larrosa (2011), a experiência que se tem ao ler:

[...] pode ajudar-me a dizer o que ainda não sei dizer, o que ainda não posso dizer, ou o que ainda não quero dizer [...] pode ajudar-me a formar ou a transformar minha própria linguagem, a falar por mim mesmo, ou a escrever por mim mesmo, em primeira pessoa, com minhas próprias palavras. (p. 11)

E ainda mais importante:

O importante, desde o ponto de vista da experiência, é que a leitura de Kafka (ou de qualquer outro) pode ajudar-me a formar ou transformar minha própria sensibilidade, a sentir por mim mesmo, na primeira pessoa, com minha própria sensibilidade, com meus próprios sentimentos. (p. 11)

A experiência transforma nossa linguagem. Faz com que sejamos mais sensíveis a aquilo com que nos relacionamos e na forma que falamos daquilo. Com as manifestações corporais também mudamos nossa linguagem, não só para o conjunto de códigos e símbolos da fala e escrita, mas para nosso corpo também. Todavia, no caso da linguagem corporal o sentido está na ‘roupagem’ anteriormente descrita. Aprendi mais do que os termos específicos do basquete, comecei a me



inteirar dos “palavrões” em meu modo de falar; as gírias mais íntimas do jogo: quando eu enterro, estou “dunkando”, posso estar também “socando” ou “cravando” na cesta, etc.; ou ressignificar palavras como: entrar ‘pagode’ ou ‘pancadaria’ para se referir à zona do garrafão cheia de gente. Não que seja um lugar onde se dança e ouve música (se bem que às vezes até pode ser) ou local de briga e agressões (pode até ser para alguém, mas não para mim), mas só porque é um lugar que fica cheio de gente e que nessa brincadeira, ou quem sabe luta, estamos tentando passar, entrar ou sair dali. Aliás, é um local onde houve muitas “coisas que me passaram”, foi nesse “pagode” em que muitas das minhas vivências e experiências aconteceram, que como já disse antes, são dificílimas de exteriorizar plenamente em palavras, mas que aqui, em mim, são as mais diversas cores, sons e odores de coisas que ainda estão presentes na minha forma de andar, de como meu corpo se move entre os demais.

As experiências que temos transformam a linguagem (ou roupagem) escrita, falada e corporal, se tornam algo unicamente nosso, nos transformamos pela nossa peculiar e inédita linguagem (ou roupagem), afinal somos sujeitos sensíveis e padecemos com as experiências. No lugar em que “isso que me passa” somos formados e transformados por ‘isso’ quando sensíveis à experiência. Quando transformados (ou formados), esta experiência nos torna capazes de sermos mais sensíveis, de transcender nossos sentimentos. Ao praticar algo e se relacionar com esse algo (externo a nós) criamos maior sensibilidade a outras experiências. Acrescentamos-lhes valores nossos, subjetivos, sentimentos e desejos que foram transformados pela experiência ao longo do tempo.

O processo experiencial nos constrói de saberes que resultam desse padecer, sofrer, passar experiencial. E que não vai de encontro aos conhecimentos científicos, pois ele é singular e particular àquele que formou esse conhecimento, é um saber encarnado, não externo (mesmo que se origine fora de nós) e que só tem sentido num alguém e sua sensibilidade, ética e estética.

Esse é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que lhe vai passando ao longo da vida e que vai conformando o que alguém é. *Ex-per-ien-cia* significa sair para fora e passar através. E em alemão, experiência é *Erfahrung* que tem a mesma raiz que *Fahren* que se traduz normalmente por viajar. Esse saber da experiência tem algumas características essenciais que opõem ponto por ponto o que nós entendemos por conhecimento. Em primeiro lugar é um saber finito,

ligado ao amadurecimento de um indivíduo particular. Ou, de um modo ainda mais explícito, é um saber que revela ao homem singular sua própria finitude. Em segundo lugar, é um saber particular, subjetivo, relativo, pessoal [...] O saber da experiência não está, como o conhecimento científico, fora de nós, e, só tem sentido, no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). (LARROSA, 2011, p. 14)

Por isso mesmo que experiência se distingue de experimento. Na primeira, não podemos planejar ou antever o que ocorrerá, muito menos que seja igual para todos os que fizerem uma experiência, cada qual terá a sua experiência singular. No segundo, há um planejamento técnico, baseia-se em causa e efeito, no homogêneo, há toda uma racionalidade que impera o experimento. A experiência não pode ser 'causada', pois é um acontecimento e, mais, é um "acontecimento da pluralidade" (LARROSA, 2011, p.14), pois se é um acontecimento para uns, pode ser diferente para outros, é plural por ser incerto/desconhecido. Se impossibilitar essa pluralidade, prevenir o incerto, antever o efeito, estamos convertendo experiência em experimento, o que assegura e define uma sequência de métodos ou caminho para um modelo prescritivo de formação (LARROSA, 2011).

É importante separar bem 'experiência' de 'experimento', já que há essa relação entre experiência e subjetividade que se refere ao ponto de vista da formação e da transformação da subjetividade. É preciso descontaminar a palavra 'experiência' de todas as aderências empíricas e empiristas que tenham sido incorporadas nos últimos séculos, ou seja, "des-emperizar a experiência (afirmar claramente que a experiência não é um experimento ao modo das ciências experimentais)" (LARROSA, 2011, p. 15), já que a experiência é subjetiva, reflexiva (pois envolve esse processo de ida e volta) e transformadora.

Se a experiência é algo imprevisível, imprescritível, não podemos antevê-la. É essa incerteza que a torna constitutiva ao sujeito. Por isso mesmo que experiência e (pontuo também) vivência apresentam esse papel importantíssimo na formação subjetiva das pessoas.

A experiência não pode ser captada pela lógica da ação, mas sim de uma lógica da paixão, pois a experiência é aquilo que me passa, não o que eu faço. Experimentar algo não é o fazê-lo e sim padecer, pois não há intenção nem depende que o sujeito seja agente, mas sim que o sujeito seja passional.

A experiência não pode ser captada desde a lógica da ação, valendo-se de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo como sujeito agente, valendo-se de uma teoria das condições de possibilidade da ação, mas desde uma lógica da paixão, desde uma reflexão do sujeito sobre si mesmo como sujeito passional (LARROSA, 2003 apud LARROSA, 2011, p. 22)

A experiência não está do lado da ação, ou da prática, ou da técnica, mas do lado da paixão. Por isso a experiência é atenção, escuta, abertura, disponibilidade, vulnerabilidade, ex/posição. (2011, p. 22)

Ainda assim, não quer dizer que práticas não possam ser lugares de experiências. “Às vezes, na ação, ou na prática, algo me passa. Mas esse algo que me passa não tem a ver com a lógica da ação, ou da prática, mas justamente, com a suspensão dessa lógica, com sua interrupção” (p. 22).

#### 4º Quarto:

##### *Deeez!*

Pensando por essa lógica da paixão, há diálogo com o conceito *pathetico* de vivência. As duas estão pela 'não ação', ou seja, pela 'não razão', são subjetivas (individual e estético), sensíveis (de serem sentidas), onde o sujeito é *pathetico-passional* as vivências e experiências de sua vida. Porque isso que me passa é também aquilo que está presente enquanto acontece em nossas vidas.

E por isso que quando estamos falando de formar sujeitos, acho estranho esse imperar pelo discurso moderno iluminista da razão quando a vida não é isso. Nós vivemos num mundo do acaso, num mundo em que a vida se faz presente, na imprevisibilidade. O devir, um padecer, que traz vida à vida e por isso mesmo é que sentimos como ela nos passa, como ela está ainda nos acontecendo. É por isso que o basquete ainda está presente em mim, o som dela quicando não cessou de repetir enquanto escrevo, assim como diversas imagens cá estão reverberando também, pois vivenciei e experienciei tudo com o que me relacionei dentro e fora das quadras, antes e depois de cada jogo. Isso fez e faz parte da minha roupagem, da minha linguagem, configurando ecos significantes.

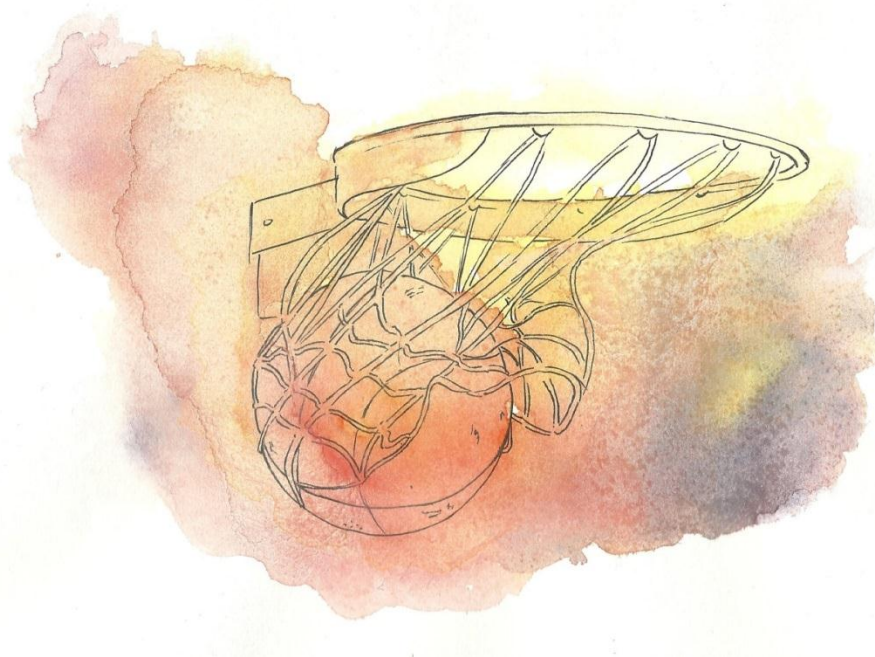
É preciso resistir à lógica racionalizadora do trabalho com as manifestações culturais corporais na escola, que a prática do basquete ou qualquer outra possa desencadear o devir, fazendo com que experiência e vivência sejam possíveis. Isso significa não transformar as práticas corporais em simples objetos de repetição ou meios para ensinar. Evitar, de qualquer maneira, reproduzir o mesmo para todos, pois assim só estaremos aprisionando as relações possíveis.

É trazer para a Educação Física a oportunidade de vivenciar/experimentar verdadeiramente. Que uma jogada feita, um passo dançado, um golpe recebido, uma acrobacia ou a contemplação disso tudo nos formem/transformem. Que as brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas nos causem efeitos inesperados, criem novas roupagens plurais, coloridas, que marquem ou nos façam querer, saber, pensar ou ver aquilo que não queríamos ou que não conseguíamos. É, portanto, não

retirar a chama que elas, por serem finitas e ocorrerem uma única vez, produzem por si só e cada qual padece à sua maneira.

Combater o tecnicismo das manifestações como uma simples forma de oferecer a prática, não se restringir a exercícios que matem o devir, acabem com o *pathetico*, focado só o resultado. Mas explorar tudo aquilo que é patético, aquilo que nos marca como estético, criando sons, cores, texturas, sensações, lembranças que nos fazem querer praticar/apreciar uma manifestação e que nos trazem apreço. É deixar com que os alunos se apropriem dos saberes que eles mesmos produzem, proporcionando maior sensibilidade e criando novas relações com o que vivem. É permitir que se formem/transformem/deformem pela imprevisibilidade da prática, sendo isso, por si só, constitutivo. É valorizar o que está sendo produzido enquanto padecemos nas aulas.

Do banco ouço o time gritando e avisando do tempo. O clima é intenso, pesado, indescritível de sua totalidade, para os que estão dentro e os que estão fora. Ela veio até mim, tenho-a em minhas mãos, então só me resta uma coisa: Enterrar essa racionalidade imperativa da escola e da Educação Física. Trazer de volta o padecimento da aventura de viver.



Se você pensa que o jogo acabou, aí que se engana. Ainda tem o rodízio para se empanturrar, se divertir ou tomar aquela cerveja com o time, a bagunça no

ônibus ou no carro, ou até na próxima aula, treino ou num encontro futuro, esse jogo continua. Não acaba com o apito do juiz, nem tampouco com o fim da aula, ele vai além e adiante, ele acaba para cada um ao seu momento. Assim como o basquete me passou durante o tempo de escola, também me passou durante a licenciatura e durante esta escrita. Esses momentos formativos/educativos serão quando e quanto a vida se permitir ser...

## Referências

DELEUZE, G. **Nietzsche**. (trad. Alberto Campos). Lisboa: Edições 70, 2014.

LARROSA, J. Experiência e Alteridade em Educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011.

\_\_\_\_\_. **Nietzsche & a Educação**. (trad. Semíramis Gorini da Veiga). Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

VIESENTEINER, J. L. O Conceito de vivência (Erlebnis) em Nietzsche: Gênese, Significado e Recepção. **KRITERION**, Belo Horizonte, nº127, p.141-155, jun./2013.